



A devoção e o protagonismo das marujas na procissão de São Benedito de Bragança

The devotion and the protagonism of the
marujas in the procession of São Benedito de
Bragança

La devoción y el protagonismo de las marujas
en la procesión de São Benedito de Bragança

Ester Paixão Corrêa

Doutoranda em Antropologia Social –
PPGAS/UFRN

esterzinhacorrea@yahoo.com.br

Apresentação

A Festa de São Benedito é uma das manifestações religiosas e culturais do Brasil contemporâneo, que resulta dos processos de transformação das festas religiosas desde o período colonial até o Brasil contemporâneo, em suas diversas dimensões, como a cultural, a econômica, a turística e a religiosa. A Festa, que acontece na Amazônia paraense desde o século XVIII, é formada por diversos rituais, dentre os quais a procissão do Santo e a dança da Marujada são dois dos mais importantes. Este ensaio trata de um entrelaçamento mútuo entre esses rituais. As mulheres estão presentes na festa desde sua origem, que se deu no seio da Irmandade de São Benedito, parte das antigas irmandades assistencialistas do período colonial. Esta tem continuidade na atualidade através de uma organização civil, que é a entidade responsável pela organização da Marujada e uma das organizadoras da festa, agregando marujas e marujos associadas/os. A representação histórica máxima da Marujada é a Capitoa – cargo hierarquicamente mais importante que do Capitão – que assumiu o protagonismo desta desde as primeiras marujas que dançavam dos terreiros às casas dos senhores. O pertencimento a Irmandade é um marcador na identidade de marujas e marujos, e é também um elemento de distinção e de privilégios no momento da dança e da procissão.

A identidade das marujas foi construída (Hall, 2000; Briones, 2007) durante mais de dois séculos, e é parte de uma articulação das mulheres que se organizam historicamente em torno da irmandade e articularam estratégias agentivas (Ortner, 2007) para manter viva essa manifestação. Na festa de São Benedito de Bragança, elas são protagonistas por meio dos rituais (Leach, 1996; Peirano, 2006). A construção desta narrativa fotográfica busca revelar o lugar das marujas, considerando as ruas da cidade de Bragança/Pará como espaço ritual, visando proporcionar uma reflexão sobre participação das mulheres e os lugares que ocupam (ou não) na procissão que se inicia na tarde do dia 26 de dezembro, em frente à Igreja dedicada ao Santo Preto, que desde período colonial abre suas portas de frente para o rio.

Nas margens do Rio Caeté, as mulheres marujas tomam e colorem o Largo de São Benedito com seus trajes vermelhos e os chapéus majestosos. Todos os anos, próximo às 16h, um “cordão de marujas” se forma em frente à Igreja de São Benedito (figura 1), onde a multidão aguarda a descida do Santo do altar e a saída em procissão (figura 2), seguida por milhares de marujas, marujos, fiéis, devotos, turistas e vários outros sujeitos socais. O “cordão das marujas” é formado por mulheres que fazem parte do quadro da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança. A saída do Santo é acompanhada pelo som de

tambores e de canto, em fileiras duplas e de mãos dadas elas formam um cordão humano (figuras 3, 4 e 5), no centro estão a Capitoa e a Vice-Capitoa, personagens centrais do ritual da Marujada (figura 6), assim como outros personagens que participam da festa de forma direta ou indireta, o espaço interno que forma o cordão, e o próprio cordão, se configuram como espaços de visibilidade e privilégio no instante do ritual, sendo por tanto, espaços de disputa, o qual somente algumas pessoas podem ultrapassar. O cordão “puxa” a procissão e tenta manter a ordem desta, uma vez que em seguida vem o andor do santo, carregado por muitos homens marujos (figuras 7, 8 e 9), se configurando também como um espaço de visibilidade e, portanto, de prestígio social, que se estende da vida social para o momento ritual, e vice-versa. Seguindo o andor (e também, desordenadamente, ao redor) estão os demais sujeitos sociais que acompanham a procissão pelas ruas de Bragança. As mulheres marujas, de diversas gerações, classe social e etnia, ocupam diversos espaços na rua e na estrutura da procissão, se tornando maioria (figuras 10 e 11) entre os que acompanham o Santo de volta para a Igreja de São Benedito, onde ficará até a próxima festa.

Considero como Novaes (2014) que a fotografia é uma forma de comunicação, de estabelecer relações com as pessoas além de permitir uma reflexão sobre etnografia e textualidade. É um olhar construído uma vez que já acompanho a procissão desde o ano de 2011 como espectadora e desde 2013 como pesquisadora. As marujas foram interlocutoras na pesquisa de mestrado, que incluiu a observação participante nos anos de 2015 a 2016 com objetivo de destacar a presença feminina. Acompanhei a procissão me posicionando como pesquisadora e fotógrafa. As fotografias foram produzidas com Câmera *Superzoom Fujifilm Finepixe* e algumas correções e ajustes no contraste e brilho nas fotografias foram realizadas no programa de edição de imagem *PhotoScape*.



Figura 1 – As marujas se concentram em frente à Igreja de São Benedito, formando filas duplas para a saída da procissão.



Figura 2 – As mulheres enfileiradas aguardam a saída do Santo da Igreja de São Benedito para iniciarem a procissão, que é acompanhada pelo som de tambores e de um canto característico, uma ladainha cantada em latim com características específicas. Um aglomerado de pessoas no largo de São Benedito aguarda a saída do Santo. Os estandartes, que estão presentes durante toda a procissão, anunciam a saída do Santo.



Figura 3 – Enfileiradas e de frente para o rio, as marujas iniciam a procissão contornando o Rio Caeté.



Figura 4 – A procissão segue “puxada” pelo cordão das marujas pelas ruas da pequena cidade de Bragança.



Figura 5 – A “comissão de frente” do cordão é formada por marujas com pertencimento à Irmandade, além de ser um espaço político e de disputa, por ser de grande visibilidade. A posição da maruja no cordão informa a respeito de classe social e pertencimento à Irmandade.



Figura 6 – No centro do cordão das marujas está a Capitoa – segurando o bastão de flores vermelhas –, a Vice-Capitoa e outros sujeitos. Por ser a personagem central da marujada, a Capitoa está sempre cercada por outras pessoas. O centro do cordão se caracteriza como espaço de visibilidade.



Figura 7 - Seguindo o cordão das marujas, os estandartes anunciam a vinda do andor de São Benedito.



Figura 8 – O andor é um espaço masculino, de disputa e privilégio. Os marujos carregam o andor e esse privilégio é fortemente influenciado por questões políticas e de organização social.



Figura 9 – Os marujos que carregam são Benedito disputam o espaço para carregar o andor durante a procissão.



Figura 10 – As marujas também ocupam outros espaços, como carregar os estandartes durante a procissão, além de ser maioria entre devotas e promesseiras.



Figura 11 - Uma multidão de “chapéus brancos” se comprime nas pequenas ruas da cidade, modificando a paisagem urbana. No final da tarde, do dia 26, a procissão volta ao largo de São Benedito. Uma multidão aguarda a chegada do Santo que subirá ao altar novamente onde ficará até a próxima festa.

Referências

- BORDALLO DA SILVA, Armando. *Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina*. Belém: Falangola, 1981.
- BRIONES, Claudia. “Teorías performativas de la identidad y performatividad de las teorías”. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 6, 55-83, 2007.
- CORRÊA, Ester. *Pérolas do Caeté: a dança das Marujas de São Benedito de Bragança-PA*. Dissertação de Mestrado. PPPGA, Universidade Federal do Pará, 2017.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: _____. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LEACH, Edmund. *Sistemas políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: Edusp, 1996.
- NOVAES, Sylvia. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 3, n.2, pp. 57-67, 2014.
- ORTNER, Sherry B. Poder e projeto: reflexões sobre agência. In: GROSSI, M. P.; ECKERT, C.; FRY, P. (Org.). *Conferências e práticas antropológicas*. Brasília: ABA; Blumenau: Nova Letra, 2007.
- PEIRANO, Mariza. “Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance”. *Campos*, v. 7(2), pp. 9-16, 2006.

Recebido em 29 de abril de 2019.

Aceito em 27 de janeiro de 2020.